

PEÇA DO BIMESTRE

VESTIDOS DE NOIVA março | abril 2013

A escolha de um vestido branco por parte da noiva é algo relativamente recente. Foi apenas a partir de meados do século XIX que os estratos mais elevados começaram a seguir esta tendência, que gradualmente se estendeu às classes baixas, ao imitarem os que ocupavam o cume da hierarquia social.

Todavia, por esta altura, em Portugal, as classes populares dos meios rurais continuavam a trajar de preto e algumas noivas usavam conjuntos de saia e blusa/casaco de cor clara, que poderiam usar em outras ocasiões, nomeadamente nos dias de festa. Tal era ainda muito frequente nas primeiras décadas do século XX no nosso país. Só a pouco e pouco o branco se tornou a cor universalmente escolhida pela mulher para casar.

Em meados do século XX a noiva da pequena burguesia, mesmo a rural, trajava de branco no dia do seu casamento. O vestido e a camisa de dormir usada na noite de núpcias são depois cuidadosamente guardados em pequenas arcas e baús, onde se lhe juntarão, mais tarde, por exemplo, o delicado vestido do batizado dos filhos.

Todos os pormenores do ritual do casamento estão carregados de um forte simbolismo. Desde a cor do vestido da noiva à forma como é usado o véu, que deve cobrir o rosto da noiva quando esta entra na igreja, saindo, depois de casada, já pelo braço do marido, de cara descoberta. A mulher entra pois numa nova fase da sua vida: é uma mulher casada.

As peças expostas foram usadas por Joana Garcia Sargento no dia do seu casamento, em junho de 1946, com Miguel Teotónio Gonçalves Mendanha.

Doação ao Museu por Joaquina Mendanha

